

"Para fazer um povo"

- artigo
- não publicados
- comentário ao Livro do Sr. Spínola

Fev. 74



MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

fev. 74

artigo, não publicado
comentário ao Livro do Gen. Spínola

fevereiro 74

1

P: fazer um povo,

Um povo só é povo - unidade coesa
e solidária - a partir de acontecimentos
q̄ o estruturam. Não basta um passado
por glorioso q̄ seja. Não basta um pre-
sente por ~~calmo~~ ^{real} q̄ porventura ~~pareça~~
ser. Não basta um futuro por promissor
q̄ se afigure nas previsões económicas. Não
basta uma língua embora ela seja
~~combinada~~ conluio tácito de quem a
aprendeu na infância. Não basta uma
terra embora ela surja ao exilado
de política ou de fome como o porto de
regresso sempre adiado. Para fazer
um povo ^{- unidade coesa e solidária -} são necessários acontecimentos.

~~Acontecimentos reconhecidos na sua
importância → no seu significado evidente
de vida ou de morte, na sua repercus-
são profunda nas condições de existên-
cia dum povo. Vivemos há 12 anos
em~~



Importa salientar q̄, na conjun-
 tura portuguesa, neste difícil intri-
 cado de relações em q̄ se ~~substitui~~ ^{justapõe}
 o direito à ~~informação~~ ^{informação} pelos mass-media
 à tradição ^{de soc. primitiva} q̄ faz correr uma hódia
 de Norte a Sul A País ^{o auxílio de} s/ jornais, de
 rádios, ou de televisão, em q̄
 se justapõem ~~o mais firme propósito~~
~~patriótico~~ as viagens de Vasco da
 Gama e as histórias d' Nau Catri-
 ceta, em que se ~~prega~~ ^{pede} pelos
~~direitos~~ ^{benefício} de ~~duvidar~~ ^{duvidar} e de não se ~~caçar~~
 fazer uma ~~segunda~~ ^{segunda} leitura de
 discursos oficiais ou de circunstância,
 neste nossa conjuntura socio-cultural,
 não ~~seja~~ ^{seja} possível o mesmo gesto quer
 no cidadão anónimo quer nas mais
 altas esferas d' ~~função~~ ^{função} governativa. É isto
 porque só pode desmitificar o aconte-
 cimento quem o vive na sua especi-
 ficidade própria.

Fundação Cuidar o Futuro



Importa apenas ^{justo} ~~dizer~~ que só o 4
general Spínola o poderia dizer. Raras
vezes na história a palavra justa
é dita pela pessoa adequada no
momento oportuno. Esta é uma
das raras vezes.

Aos ~~so~~ ^o técnico ^{que} ^{possibilita} ^{da} ^{técnicas} pode dizer
que a tecnologia está subordinada
ao humano. Só o médico que ^{propõe}
as ~~capacidades~~ hipóteses de cura terapêu-
tica pode fazer apelo a outros poderes.
Só ~~o~~ ^o médico ^{que} ^{propõe}
~~dizer~~ ^{que} a guerra ^{de} ^{subordina} ^o ^{autor}
^{auto-limitar} por um gesto político.

Daí a credibilidade das reflexões
da análise e da estratégia proposta.

~~Credibilidade tanto mais~~
~~libertadora~~ ~~na~~ ~~forma~~ ~~de~~ ~~países~~ ~~em~~ ~~de~~ ~~repente~~
~~descobre um contorno~~ ~~revela~~
proposto ~~no~~ livro "Portugal e o
futuro" ~~mereceu~~, ~~na~~ ~~seu~~ ~~trave~~
jamento ~~mestre~~, ~~as~~ ~~seguentes~~
palavras do Senhor Presidente



(5) (6)

Credibilidade tanto ~~mais aceita~~
& mais esperançosamente acolhida
(libertadora como o ~~dompimento~~
do véu de nevoeiro a encobrir os
contornos nítidos das coisas)
quanto o caminho proposto no
livro "Portugal e o futuro" mereceu,
no seu traço-jamento Mestre - a
"passagem" do Estado Unitário p.^o
Estado Federal - as seguintes palavras
do Senhor Professor Marcello Caetano,
apenas alguns dias antes:

"Ao contrário de alguns patriotas
mal esclarecidos, ã considero ã a
fórmula de federação dos territórios
portugueses numa União ou
Comunidade como a ~~da~~ TUA ou
do Brasil tenha alguma coisa
de condenável."



Restituição do acontecimento ao povo, ⁶
pois. Que vai o povo fazer dele? ~~Walter~~

Como vai a juventude acolher a alter-
nativa q̄ lhe é ~~pro~~ sugerida? Que ^é ~~o~~ ^{co} ~~o~~ ^{personal}
tem numa juventude cujo futuro se
enche dum grande ponto de interroga-
ção a experiência reflectida de
quem ~~se sente~~ ^{não} contesta
~~essa~~ de forma simplista mas
~~esta~~ reforça a lógica da opção de
fundopra que a "segunda leitura"
dos discursos oficiais quase sem
interrogação hiato apontava?

Como vão reagir os q̄ na socie-
dade não de algum modo amun-
ciados de uma justiça nova e
de um modo diferente de viver?
Que propostas concretas para a paz
se concederão entre os que a
desejam e por ela correm riscos?



Como vai ser entendida a palavra ⁽⁷⁾
dada ao povo sobre o seu aconteci-
mento?



E que novas iniciativas se propo-
rá o mundo económico português?
Perceberão aqueles q̄, ^{estimulados} ~~pensando~~ ~~em~~
~~estabelecimento~~ ~~embora~~
~~para~~ ~~no~~ pelo lucro, tomarem, no
~~iniciativa~~ n/ regime económico-político,
a iniciativa do aumento da riqueza,
perceberão esses as novas oportunida-
des abertas? Ou ficarão como o
homem que só tinha um talento
e o enterrou naquele bocadinho de
terra q̄ era bem ~~para~~?

Como se solidarizará a massa
trabalhadora, q̄ ~~está~~ já consciente
dos seus direitos, com as afirmações
sempre feitas pelos representantes do
Governo português nas plataformas
internacionais quanto ao direito do

poros à auto-determinação e agora ⑧
tornadas concretas e operacionais na
proposta feita?

Estou a recapitular ^{as} quatro expres-
sões das forças social/activas no
País e a q̄ o Pres. do Conselho expli-
cita/ se referiu no discurso do dia

— ... Mas tenho de acrescentar as
coisas as que directamente são interpe-
ladas pela A. Ao fazê-lo critica/ o
Pres. do Conselho apontou, no entanto,
um facto q̄ é positivo: é q̄, ao menos,
essas forças fazem-se ouvir. E
dizer negativa/ o q̄ se quer é já,
em meu entender, participar
forma incipiente, s/ dúvida, mas
real. ~~Se lhes é oferecido agora
um esquema de trabalho, um
edifício de~~ Mas tenho de acen-
centar a essas as forças q̄ directa/



ção interpeladas pela problemática (9) própria do conhecimento em questões e pela sua extrema complexidade.

Em primeiro lugar, os técnicos de todos os ramos \bar{q} , na civilização actual, substituem os intelectuais de há 20 anos. ~~Onde está~~ Que pensam, que soluções concretas ^{propostas}, os milhares de universitários, \bar{q} ~~se~~ ^{foram treinados} ~~habituados~~ a planejar, a racionalizar, encontram soluções reais e possíveis?



Fundação Cuidar o Futuro

Como podemos ~~isto~~ contribuir para um resultado \bar{q} nunca poderá ser ótimo (sabemo-lo bem os engenheiros!) mas para a maximização dos resultados dentro dos conditionalismos dos parâmetros intocáveis e dos limites fixos de oscilação das variáveis em causa? Qual é a matriz técnica - económica, cultural, social

Indochina e a guerra intermitente (11)
do Médio Oriente deixaram só entre-
ver - uma viragem decisiva sobre a
própria concepção das forças armadas,
os limites da sua actuação e os
novos domínios da sua intervenção
na vida social.

Em terceiro lugar, os órgãos de
governança, na sua individualidade
própria. O Chefe de Estado e o
Conselho de Estado que ~~nos~~ tem
como uma das suas atribuições
"pronunciar-se em todas as emergências
graves para a vida da Nação" (Art. 84.º c)
(constituição) não podem deixar de
reconhecer que, ~~aberto a realidade~~
exposto na sua lógica, o aconte-
cimento ao povo, o povo dele se
apropria não só para o pensar
e exprimir mas tb. para sobre
ele ~~mesmo~~ sentir a preocupação



concertada dos "seus" conselho dos seus
anciãos". O momento não será longo
Não vai esperar o povo (uma reafir-
mação de princípios, mas sim um
apelo a q̄ se diga e a q̄ diga o q̄
pense e sente.

A Assembleia Nacional - e, por
assimilac̄, a Câmara Corporativa -
podem introduzir no seu debate
de "antes da ordem do dia" a oportuni-
dade da discussão do acontecimento
dominante de vida portuguesa. Creio
q̄ ~~ninguém~~ não pode o povo continuar
a ouvir discutir do troço de estrada
aqui ou ali, das . . .



quando os seus
filhos morrem para que outros
amanhã continuem a morrer.
Haverá problemas jurídicos a eucarar,
sem dúvida; projectos a adiar, com
certeza. Mas a prioridade impõe-se.

De resto, o próprio ~~Presidente~~ Prof. D.C., (12) no "documento reservado" a que se referiu no recente discurso à ANP, dizia a propósito da necessidade de "revisão do sistema governativo das províncias ultramarinas":

"A oportunidade de tal problema é-nos imposta pelas circunstâncias: não depende da nossa apreciação."

Doze anos depois, o menos que se pode dizer é a que oportunidade passou a ~~ocorrer~~ ~~em~~ todo o campo do real.

Certa da ~~ausência~~ convergência de óptica perante o acontecimento, é com grande confiança que me refiro ao Governo como órgão da soberania e à sua intervenção na "restituição do acontecimento ao povo". O Governo tem neste momento a conjuntura socio-cultural



mais propícia a uma acção deci¹³
dida e decisiva. Do governo depen-
dem numerosos retores técnicos
^{e isso lhes foi pedido,}
q̄, n̄ hesitarão em gastar as suas
desfocar as suas energias da
resolução casuística dos problemas
administrativos ou do fortaleci-
mento das actividades e iniciativas
q̄ lhes estão cometidos para o contrar
na descoberta da operacionalidade
de várias soluções ao probl. - acontecimento.

Fundação Cuidar o Futuro

Admitindo, por hipótese, q̄ todas
as forças vivas e diagnosticáveis
jurídica ou social, institucionali-
zadas se debruçam de novo sobre
o acontecimento, te-lo-emos
então incorporado positiva, ao
nosso destino colectivo? É isto
q̄ não. Porque o essencial aqui
é a verdade do restituir
do acontecimento ao povo.



Povo português na Europa. Povos (14)
de Angola, de Moçambique, da Guiné,
na sua grande diversidade. Neles reside
a vontade colectiva. Neles o risco.
Neles a possibilidade de construirmos
em grandeza um futuro antropológico
novo. ~~Para~~

Como ouvir o povo? Como con-
sultá-lo? Entramos nos domínios das
soluções técnicas e muitas não e
já e não nos tem faltado a coragem
e a perseverança, e não nos faltará
"a arte e o engenho". Ninguém
deixa o veículo jurídico para
ouvir o povo se exprima, a sua
resposta terá de ser entendida
não como reivindicação demagógica
mas como resultado do apelo indirecto
que já em 3^a Julho de 1972 o Presidente
do Conselho fazia à Nação:
"Noite e dia este problema
está presente no meu espírito. A



Fundação Cuidar o Futuro

reflexão dele consome-me horas 5/ (15)
sono de noites q̄ parecem intermináveis.
Debalde procuro caminhos. →

Grão firmemente q̄ todos n̄ serem
de mais p. = procuramos caminhos!

Terá finalmente en.º peso a

~~Questão~~ Ainda vamos a tempo?

Julgo q̄ sim. O q̄ é regular/ contra-
ditório internacional/ é a n/ absoluta
pretensão da originalidade do fenó-
meno de colonização e a quase total
ausência de originalidade na maneira

de ~~se~~ fazer face à nova época de
história dos povos de cor q̄ estamos

vivendo. Uma expressão nova do
n/ querer comum - traduzida ~~na~~ em
moldes inteligíveis p. = aqueles países
de quem logical podíamos esperar
apoio - é de molde a tornar, pelo
menos, mais cautelosa, a pronunciando
de condenação q̄ sobre o novo
País ^{vim} ~~fazendo~~ na ONU todos os Estados



Incluindo as grandes potências "amigas" (16)

- França, UK e USA.

Pessoalmente, julgo ter deixado claro o meu parecer. Mas se um plebiscito se fizesse espontaneamente eu formularia a mim própria três perguntas:

- Desejamos a auto-determinação dos territórios ultramarinos? (Com a correspondente pergunta p^{er} os cidadãos dos terr. ultr.)

- Aceitamos que o Estado Unitário q^{ue} constitucional^{mente} como venha a converter-se em Estado Federal?

- Estamos decididos a aceitar as consequências de uma tal decisão nos campos de intercâmbio monetário, económico, cultural e político?

As três perguntas respondo sem hesitar — SIM. E assino o referendário.

